

# SOBRE O HOMEM E SUA ETERNA PROCURA

Por Francisco Cabral Júnior

“Queria, se ser pudesse, o impossível;  
Queria poder mudar-me, e estar quedo;  
Usar de liberdade, e ser cativo;

Queria que visto fosse, e invisível;  
Queria desenredar-me, e mais me enredo;  
Tais são os extremos em que triste vivo!”  
*Luís de Camões*

A Humanidade é surpreendente. Não apenas graças ao telencéfalo desenvolvido ou ao polegar opositor, dos quais tão intensamente se orgulham os cientistas. Não simplesmente por ter a habilidade de indagar pelo próprio questionar (daí *Homo sapiens sapiens*, o homem sabe que sabe), mas pelo fato de ter levado esse questionamento tão a sério.

Até agora não há notícias de outra espécie viva que tenha mecanismos tão complexos de edificação das noções de verdade, justiça, liberdade, bem, do certo e do errado. Se, por um lado somos uma caixa de surpresa como indivíduos, constituímos uma contradição vivendo em sociedade. No interior das “instituições civilizadoras”, os indivíduos que tomam a iniciativa de não se submeter aos papéis socialmente recomendados e ao censo comum (vontade generalizada) de seu momento histórico podem reagir das mais diversas formas. Há, por exemplo, os nilistas, os eremitas e os tarjados de loucos, além dos gênios. Os gênios, diferente dos loucos propriamente ditos, são extremamente admirados pela sociedade por terem o dom de transmitir às pessoas ideais que todos no fundo sentiam, mas simplesmente reconheceram em si como novos. Todos estes estereótipos que utilizo aqui apenas como artifício de exemplificação, percebam, são variações do mesmo tema. Há também os que não chegam a ser tão radicais, e como tal, sobrevivem à margem da sociedade, formando grupos sem expressão, fenômeno denominado popularmente de exclusão. Conforme generalizou o poeta português Fernando Pessoa:

“O gênio, o crime e a loucura provêm, por igual, de uma anormalidade, representam, de diferentes maneiras, uma inadaptabilidade ao meio.”

Todos os relacionamentos são, conforme o filósofo alemão Friedrich Nietzsche explica, uma relação de poder. Esses grupos podem, então, requerer o poder de suas escolhas. Surgem, então, atritos. Dessa forma surgem as revoluções e guerras nas quais se luta por certa ideologia ou atributo material e a formação de grupos de interesse sócio-culturais que inauguram não simplesmente um esboço do materialismo histórico marxista, mas também uma nova maneira de escolher os rumos da vida individual, que resolvi chamar aqui de subjetivismo circunstancial.

A maioria das pessoas conseguiram, entretanto, através da história, manter sua integridade mínima diante do parasitismo da sociedade. Esta, como os melhores parasitas biológicos que encontramos na natureza, não vê como vantagem a morte dos seus hospedeiros, uma vez que é deles que obtém o seu sustento. Estas pessoas estavam convivendo principalmente com as visíveis e aclamadas vantagens da mesma, como a propriedade privada, já que as circunstâncias as favoreciam. Ignoram que são, também, vítimas indiretas de sua própria cultura, ao transmitir passivamente ideologias cuja própria origem desconhecem, idéias essas que se espalham como o mais virulento esporo pelo ar, contaminando mentes susceptíveis ao poder sugestivo.

A despeito disso, indistintamente, os seres humanos têm algo em comum: inventam mecanismos complexos (eu diria até psicanalíticos) com os quais possa preencher as lacunas de suas limitações físicas e psicológicas, criar a realidade que tanto precisam, e assim realizar suas próprias ilusões. É nesse contexto que entra, por exemplo, a Arte. Deter-me-ei diante deste tema, pois creio que ele exerça o papel fundamental de faca de dois gumes nessa história: por um lado cria, nem que seja na mente do artista, um eufemismo necessário em pequenas doses. Observe essa faceta, por exemplo, nesses trechos poéticos de Samelly Xavier:

Entre a falta do teu beijo e o futuro invivido  
Resta-me esse tiro mudo da poesia  
Tiro a queimar roupas e almas  
Mudo como essa madrugada ardente e inquietante:  
não passa

Excertos do poema *Tiro Mudo*

Bicho assimétrico:  
Realiza ilusões  
Se ilude com realidades

Para cada asa esvoaçante  
Um pé de chumbo enraizado

[...] Como consolo  
Canta – preso a chumbos –  
O canto dos vãos dos que vêm, mas sempre vão

Excertos do poema *Chumbo voa?*

O ser humano usa esse lado da arte para ser também um criador de sua própria realidade. O outro lado da arte, muito diferente deste último, é o gume perigoso, que cega, imobiliza, maqueia a tomada das escolhas por parte do indivíduo na sua vida real. Esse último efeito será discutido ao longo do ensaio com exemplificações.

É da natureza humana fazer arte. Fiquei surpreso quando li numa edição da Revista Veja que na pré-história, época na qual os grupos de hominídeos disputavam os recursos escassos da Era do Gelo, onde pensei que a força bruta seria mais vantajosa, no final o mais bem sucedido grupo correspondeu ao que encontrou tempo para decorar com pinturas rupestres as paredes das cavernas, o *Homo sapiens*. Da mesma forma, como Ernest Fischer explicou muito bem em seu artigo “A Necessidade da Arte”:

Sendo mortal e, por conseguinte, imperfeito, o homem sempre se verá como parte de uma realidade infinita que o circunda e sempre se achará em luta contra ela. Volta e meia se defrontará com a contradição constituída pelo fato de ser ele um “Eu” limitado e, ao mesmo tempo, fazer parte de um todo ilimitado.

Assim, é bastante improvável que haja uma arte desapegada do motivo intrínseco na personalidade de um artista, mesmo que este ou qualquer outro o desconheça.

Esta faceta da arte não está restrita somente à literatura, como nos casos específicos que citei. Está clara no processo de criação de uma música qualquer, seja de estilo forró ou clássica, e que leva, no fim das contas, a uma reunião de milhares de seres humanos num show, ou ao reconhecimento erudito quase unânime, como foi o caso das músicas de Ludwig Van Beethoven. Está presente no processo que

tem como resultado final uma bela pintura, conforme explicou muito bem o próprio Pablo Picasso:

Seria interessante se pudéssemos fixar fotograficamente, não as etapas, mas as metamorfoses de um quadro. Perceberíamos então qual foi o caminho percorrido pela mente até a concretização de seu sonho.

Além desse caso, está presente também na expectativa mundial para o lançamento de um filme cujo diretor talvez nunca iremos encontrar pessoalmente. Aliás, o artista não importa, mas sim, como aponta Ezra Pound em suas críticas, a obra de suas qualidades aplicadas.

Nessa maré o ser humano passa horas diante de uma tela de cinema para se divertir, desapegando-se prazerosamente, nem que seja por alguns poucos instantes, da objetividade e simplicidade que a vida requer para a superação de seus obstáculos cotidianos.

Ao alimentar a “vala do desejo”, termo proferido por Nietzsche, e esquecer o que realmente importa, o homem ofusca a conquista de sua própria independência e fica dependente da arte como uma droga de vício não apenas socialmente aceito, mas até incentivado pela cultura. Essa não é a arte criativa de novos horizontes, mas a arte-mimetismo, em que o homem faz o papel ridículo de copiar a si mesmo e expor o drama resultante para o outro. Note que os versos de Camões, a seguir, transgridem a barreira lírica e parecem clamar pela compaixão do leitor:

E se nos montes, rios ou em vales  
Piedade mora ou dentro mora amor  
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,

Ouçam a longa história de meus males,  
E curem sua dor com minha dor,  
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

Essa situação constante de criatura com síndrome e expectativa de criador, move o ser humano a identificar-se com sua obra e com a de outras pessoas a ponto dele sentir-se, pelo menos por instantes, algo maior que a realidade, uma revelação epifânica. A arte, portanto, tem o poder de dialogar com as dores e tornar o ser completo.

Mas, será que a arte, em si mesma, não é uma forma de substituição da vida? Até onde irá o seu papel complementar e “terapêutico”? O filósofo Nietzsche, ao

introduzir a idéia de Vontade de Potência, falou sobre esse ponto. Para o filósofo, por os artistas serem pessoas contemplativas, e suas obras serem potencialmente inúteis para mudar sua realidade, ocorre a desvalorização de si mesmo, e o artista torna-se incapaz de transformar suas limitações em força para mudar. Não há, assim, solo fértil para que o sofrimento mais nobre, aquele que leva à mudança, se desenvolva.

Forma-se então, um ciclo vicioso, em que o artista cria a arte sempre como uma forma de se completar, o que mostra-se infrutífero. Segundo Nietzsche, a resposta para essa mudança está apenas no *significado* que o artista atribui aos seus desejos e a sua capacidade de se livrar, dominar e vencer e esses *desejos*. Ignorante no que tange essa idéia, muitas vezes o artista acaba por aceitar o nilismo e o anarquismo. Muitos outros encontram a sua resposta encurtando a vida, conscientemente ou não, através, por exemplo, das drogas e do suicídio. Outros, exaltados, tomados por um sentimento contagioso de mudança extrema, acabam sendo assassinados por inimigos, e acabam se tornando mártires, eufemismo para denominar alguém que, metaforicamente, “morreu afogado a dez braçadas de chegar a terra firme”.

O próprio Nietzsche, sabendo disso, felizmente não chegou a se exaltar ao ponto de ser assassinado, e guardava as mágoas para si e seus escritos preciosos, causando, na pior das hipóteses, a implosão do equilíbrio do próprio corpo. Como artista, Nietzsche não poupava os próprios artistas em suas críticas ferrenhas. Atacou seus precursores e negou a religião, mas diante do problema da não aceitação de suas idéias pelos seus contemporâneos, satisfez-se em assumir a figura do incompreendido à frente de seu tempo. Ninguém pode negar que ele foi realmente adiantado para a mentalidade de sua época, mas poderia ele ter guiado os acontecimentos de modo que tivesse vivido a tempo de ver seus pensamentos florescerem? Teria ele fugido do fardo pesado de que antes de ser verdadeiro ele precisava “parecer verdadeiro”?

Há ainda quem duvide de que a arte está mesmo tão presente nas nossas vidas? Para compreender essa presença artística, o exemplo da música é ideal. Se não a buscamos, ela simplesmente chega aos nossos ouvidos. As músicas ainda são usadas para rituais de elevação espiritual e glorificação, como no ritual católico, no protestante, no islâmico e no budista. Na Medicina Integrativa, a música é usada como terapia. Também é um meio corriqueiro de comunicação intrapessoal (nos deixa mais feliz ou tristes, dependendo da ocasião e do tipo de música) e

interpessoal (à medida em que a utilizamos para mandar mensagens sobre o que pensamos e sentimos a indivíduos ou grupos).

Quando penso no papel transformador da arte, gosto do exemplo de Manuel Bandeira. Ele tinha parentes influentes e um futuro profissional auspicioso como crítico literário e de arte, tradutor, professor de literatura e principalmente poeta. Mas a Tuberculose que ele contraiu antes mesmo de terminar o curso de Arquitetura na Escola Politécnica de São Paulo o atingiu em cheio, e ele teve de tirar licença de seu trabalho. Viajou até para lugares de clima mais ameno e Medicina mais avançada, como a Suíça, a fim de tratar-se, e suportou o prolongamento de seu sofrimento por anos a fio graças também, a arte. No Sanatório de Clavadel, lugar onde o Manuel tuberculoso foi internado, foi praticamente excluído da sua rotina anterior e da sociedade. Em sua imaginação criativa de poeta, no entanto, ora estava bem saudável e cantava, por exemplo, a Pasárgada, ora despejava suas dores no papel com melancolia contagiante. A doença o fez crescer como indivíduo, o fez aprender a lidar com a idéia da morte que chegava, a superar o envelhecimento, e o motivava a escrever textos que mais tarde viriam a influenciar toda uma geração de poetas modernistas.

Enfim, a arte eufemiza, abranda os espíritos e os humores, mas também tem o seu poder transformador e destrutivo. Um exemplo claro dessa faceta negativa é o de Adolf Hitler, o famoso ditador alemão, que desde pequeno quis tornar-se um pintor. No entanto, conforme escreveu em seu livro “Mein Kumpff”(Minha luta), seu pai, Alois Hitler, tinha discussões irreconciliáveis com ele, nas quais não aceitava a escolha sua escolha, insistindo em torná-lo funcionário público.

Um Hitler órfão, com apenas dezenove anos, viaja até Viena, onde tenta, a partir de 1907, ingressar na Academia de Artes de Viena, sendo sucessivamente reprovado. Passou alguns anos sem um emprego fixo, e chegou a dormir em asilos para mendigos na região de Meidling, no outono de 1909. Desiludido, Hitler passou simplesmente a reproduzir cartões-postais de Viena nas suas pinturas, transformando seu fazer poético, antes espontâneo, em cifras monetárias. Chegou a ganhar bem, e com seu tempo livre, passou a exaltar o nacionalismo germânico e, ainda em Viena, tornou-se um ativo racista e anti-semita. Talvez a arte tivesse um papel confortante na vida de Hitler, mas certamente a ausência dela foi fator condicionante para despertar o monstro demasiadamente humano que decretou o

assassinato de milhares de judeus durante o seu regime nazista, simplesmente por considerá-los grupos indesejados.

Portanto, como vimos, uma grande parte dos atos do ser humano surge não a partir das inspirações de um ser completo, que nada ignora. É, antes de tudo, surgida de um ser incompleto, um preenchimento das lacunas da vida. Se saudável ou não, depende da dose, do tempo de exposição, do tipo constitucional do artista e de seus esforços em obter uma boa qualidade de vida, que interfere diretamente no tipo de arte que se vai criar.

E vale salientar, também, que as grandes obras de arte, como diria Gilberto Cotrin, muitas vezes transcendem o seu contexto de surgimento, uma vez que o artista tem que resolver artisticamente a objetividade das circunstâncias. Quando isso é bem feito, o valor de uma obra se mantém através de todas as épocas, carregando uma mensagem valiosa. Nesse sentido, as circunstâncias individuais são, talvez, os fatores mais importantes na formação do indivíduo e de sua produção, e faremos uma breve análise sobre esse fator em breve.

## **Bibliografia**

*De Camões a Pessoa: antologia escolar da poesia portuguesa/ Luís de Camões ... [ et. al. ] ; organização Douglas Tufano. – São Paulo: Moderna, 1993. – (Coleção Travessias) – pags. 9, 11 e 14.*

*Obras em Prosa, Organização, Introdução e Notas de Cleonice Berardinelli, Ed. Nova Aguilar S.A., 1985, R.J (4º edição – Esta Edição contém quase toda a obra em prosa de Fernando Pessoa. Falta apenas o Livro do Desassossego.)*

XAVIER, Samelly. *ETC.* Campina Grande: [o autor] , 2007. 1.Poesia.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte.* Editora Zahar, 1973.

*O Pensamento Vivo de Pablo Picasso.* Editora Martin Claret, 1985. pag.13

YALOM, Irvin D. *Quando Nietzsche Chorou.* Editora Ediouro, 2000.

COTRIM, Gilberto Vieira. *Fundamentos da filosofia para uma geração consciente: elementos da história do pensamento ocidental / Gilberto Cotrim. – 1. ed. – São Paulo : Saraiva, 1986.*